

SÃO PAULO

A procura de um local de encontro



Entre os colegas da SBPC, Sala (ao centro, sem gravata) examina as diversas opções.

DEPOIS de haver admitido o cancelamento de sua vigésima-nona reunião anual por falta de apoio e verbas oficiais, fato inédito desde 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência fixou-se numa alternativa: realizar o encontro em São Paulo, se possível no *campus* da USP, e promover campanhas para arrecadação de fundos e fortalecimento da entidade. A reunião, que estava inicialmente marcada para Fortaleza, CE, e foi considerada inviável pelo Ministério da Educação e Cultura, porque a Universidade Federal não teria condições materiais para receber os congressistas no período programado, deverá manter ainda a sua data — 8-13 de julho — e o temá-

rio originalmente elaborado.

Solidariedade. No mesmo dia — 22 de junho — em que a posição da SBPC era revista, durante uma agitada assembléia que durou quatro horas, ensaiavam-se atitudes de solidariedade aos cientistas e o físico César Lattes, 53 anos, emitia em São Paulo violentas críticas ao que considerava um descaso oficial diante da ciência no país: "É o mesmo que fechar um congresso legislativo ou uma universidade. Nos países civilizados, as reuniões científicas são tão invioláveis quanto os rituais religiosos. Essas pressões são inaceitáveis." A primeira oferta de colaboração partiu da Câmara Municipal de São Paulo, cujo presidente, Roberto Cardoso Alves,

colocou o prédio à disposição da SBPC, "bastando apenas que a instituição envie um pedido formal". Enquanto isso, professores e funcionários da Faculdade Estadual de Medicina ofereciam um dia dos seus salários para as despesas de organização e apresentavam oitenta novos sócios à entidade. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo não se manteve alheia ao movimento de solidariedade, podendo ser uma opção de local, segundo alguns cientistas. De acordo, porém, com a maioria dos sócios, a alternativa ideal seria o *campus* da USP e contatos nesse sentido foram logo estabelecidos, junto ao Reitor Orlando Marques Paiva. Antes de ser procurado pela diretoria da SBPC, Paiva mantinha-se reservado, evitando assumir uma posição definitiva: "Se a reunião em Fortaleza foi cancelada em virtude das dificuldades financeiras, creio que esses mesmos obstáculos poderão ocorrer em São Paulo. Não vejo vantagens nessa transferência. Uma coleta de fundos pode viabilizar a reunião, tanto aqui como no Ceará. Pelo que sei, esse é o único problema. Não há nenhum impedimento legal em relação ao encontro."

Contradições. Ao abrir o debate que acabaria sugerindo a realização da reunião na capital paulista, o físico Oscar Sala, 55 anos, presidente da SBPC, teve também o cuidado de focalizar claramente a versão de um anunciado veto oficial ao encontro: tudo se limitava a uma "falta de compreensão e apoio". Nesse mesmo dia, as últimas atitudes da SBPC repercutiam no Congresso Nacional, onde foram comentadas pelos Senadores José Sarney (Arena, Maranhão) e Eurico Resende (Arena, Espírito Santo). Sarney esclareceu que a única interferência do Ministro Ney Braga na questão foi pedir o adiamento da reunião para setembro, "em razão de di-

ficuldades técnicas". Resende, líder da Maioria no Senado Federal, preferiu, no entanto, recorrer à sua oratória cáustica, criticando asperamente o passado da entidade: "A SBPC ainda não mostrou nenhuma invenção, nenhuma tecnologia, nem colaborações concretas em tantos anos de existência. Ultimamente, aliás, a sociedade demonstra maior preocupação em fazer política do que ciência, como se verificou em sua reunião de Brasília, em 1976." As declarações de Resende tiveram uma natural repercussão entre os cientistas. Após qualificá-las de "assustadoras", Luís Tilguelli, professor de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disse que o cientista é o elo mais fraco da cadeia, pois resolve problemas e apresenta soluções, mas não executa. "É possível, porém, que, quando a sociedade brasileira for mais aberta do que hoje, a colaboração da ciência seja bem aproveitada e usada pelo governo." Especialista em Engenharia Nuclear, Tilguelli afirma que é obrigação do poder público organizar, financiar e colaborar com os cientistas. Ênio Candotti, 35 anos, professor do Departamento de Física Teórica da UFRJ, também se surpreendeu com o discurso de Resende: "De onde ele tirou a conclusão da inoperância da SBPC? Ele participa de nossas reuniões?" Segundo Candotti, a posição do cientista brasileiro é clara: ele se recusa a ser um autômato, executor de programas prontos e tem consciência da função social do seu trabalho. "Tanto isso é verdade — observou — que em apenas vinte e quatro horas foi organizado um manifesto com mais de mil e oitocentas assinaturas de cientistas, expressando opinião contrária aos fatos que pretenderam levar à supressão da reunião anual da SBPC." (Luís Maciel Filho/São Paulo e Salvador Pane Baruja/Rio de Janeiro)

BRASÍLIA

A missa e o inquérito na pausa universitária

"ESTA Casa nunca esteve tão cheia. Parece até uma festa de formatura." Estas palavras, proferidas pelo Frei Bernardo Causi, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, descontraíram um pouco o ambiente na igreja, onde se reuniam, no dia 22 de junho, para assistir a uma missa, mais de dois mil universitários, depois de uma tentativa frustrada de mandar celebrá-la no *campus* da UnB. O sermão de Causi foi extenso, incorporando um trecho de recente documento da Ordem dos Advogados do Brasil que pedia o retorno do país ao estado de direito e elogiando a atuação dos estudantes: "Vocês gritam pelos seus direitos e lutam pela sua cultura. Como pode

haver deveres, se os direitos não são respeitados?" Ao término da missa, que foi acompanhada por um conjunto de jovens músicos, os estudantes cantaram o Hino Nacional e anunciaram que voltariam a se reunir no dia 25 de julho, na volta das férias. Os momen-

tos de civismo e religiosidade duraram pouco, entretanto: cerca de trezentos policiais passaram imediatamente a efetuar diversas prisões, que se estenderam a um jornalista e a um advogado numa ação classificada, logo após, de "um simples engano". Esses

não foram, porém, os momentos de maior preocupação para os universitários, que alguns dias depois liam num edital os nomes de quarenta e um colegas que deveriam prestar depoimentos na comissão de inquérito que investiga a participação dos estudantes no movimento iniciado no dia 31 de maio. O reitor da UnB, Capitão-de-Mar-e-Guerra José Carlos Azevedo, dava, no mesmo dia, a medida de suas inquietações, ao informar que decidira cancelar sua viagem à Arábia Saudita. A situação na Universidade de Brasília desaconselhava seu afastamento temporário do país. (Marlene Anna Galeazzi/Brasília)

Rolnan Pimenta



Mais de dois mil estudantes, alguns com violões, compareceram à missa em Brasília.